

Crescimento, só para dentro

Participação do Brasil na economia e no comércio mundial está aquém de seus parceiros nos Brics
Por: Vladimir Cotta



O Brasil pode até ter surpreendido o mundo com seu avanço econômico nos últimos anos – exceto em 2009, quando a crise financeira global afetou quase todo o planeta. Nesse período, o País se valeu do bom momento da economia mundial e melhorou seu Produto Interno Bruto (PIB) per capita, mas, a despeito dessa expansão, foi incapaz de ampliar sua participação relativa no PIB global.

Especialistas avaliam que, para conseguir fazer melhor nesse bolo o Brasil precisa ainda de uma melhora qualitativa em todos os aspectos, assim como crescimentos robustos, consecutivos e ao longo do tempo. “Não existe bolo sem ingredientes. Assim como não

“ SE CONSIDERARMOS TAXAS DE 5% OU 6%, O BRASIL SÓ MOSTRA ESSE DESEMPENHO EM 2007 E 2008, E ESTE ANO. MAS ISSO NÃO PERMITE CONCLUIR QUE SE TRATA DE UM RESULTADO QUE MOSTRE QUE O PAÍS ESTÁ AVANÇANDO MUNDIALMENTE. ”

existe PIB sem fatores de produção”, resume o presidente do Conselho de Planejamento Estratégico da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio), Paulo Rabello de Castro.

O relatório “Perspectivas da Economia Mundial”, do Fundo Monetário Internacional (FMI), mostra que, em 2009, último ano do governo Fernando Henrique Cardoso, a falta brasileira na economia mundial era de 2,9%. No fim deste ano quando Luis Inácio Lula da Silva entregará o cargo, deve ficar em 2,9%, segundo projeções do próprio FMI. Ou seja, a participação brasileira deve minguar. Embora essa diferença seja quase imperceptível, a queda, segundo especialistas, não é nada

desprezível, levando-se em conta que o Brasil ainda é uma nação emergente.

China e Índia, seus parceiros nos Brics, têm desempenho melhor, conforme mostra o estudo do Fundo, atualizado ao final de julho. Os chineses, que tinham 7% do PIB mundial no início de 2009, por exemplo, devem fechar este ano com 12,5%. Os indianos, que detinham 4%, passaram a ter 5,1% (veja Infográficos).

Isso quer dizer que os anos recentes de expansão rápida do Brasil, como as verificadas em 2007 e 2008 – para este ano, a previsão de crescimento é de pelo menos 7% –, não foram suficientes para que o País se apodere do bastão de “potência emergente”, principalmente se comparado a chineses e indianos.



Vladimir Cotta, diretor da Faculdade de Economia da FAP e ex-secretário-geral da Unctad

PARTICIPAÇÃO NO PIB GLOBAL E NO COMÉRCIO MUNDIAL (EM %) EM 2009

	PIB	EXPORTAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS
BRASIL	2,9	1,2
CHINA	12,5	8,5
ÍNDIA	5,1	1,6
RÚSSIA	3,0	2,2
JAPÃO	6,0	4,3
EUÁ	20,5	9,9
ALEMANHA	4,0	8,6
MÉXICO	2,1	1,6

Fonte: Fundo Monetário Internacional



Ricardo Amorim, CEO da Ricam Consultoria

"Acho prematuro afirmar que o Brasil já é uma potência emergente, principalmente se comparado à China e à Índia. Os bons resultados do País são muito recentes", diz o embaixador Rubens Ricupero, diretor da Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e ex-secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para o Co-

mercio e Desenvolvimento (Unctad, sigla em inglês). "Se considerarmos taxas satisfatórias, acima de 5% ou 6%, por exemplo o Brasil só mostra esse desempenho em 2007 e 2008, e, provavelmente, este ano. Mas isso não permite concluir que se trata de um resultado que mostre que o País está avançando no panorama mundial", completa Ricupero.

Para ele, só poderá se falar em "crescimento impressionante" quando ocorrer o que ocorreu com a China, que ao longo dos últimos 30 anos teve expansão praticamente ininterrupta no patamar de 10%. "Foi o caso do Japão, na década dos 50 em diante, e, depois, de outros países asiáticos, como a Coreia do Sul e Cingapura, que tiveram altas taxas de crescimento durante duas décadas ou mais, e sem oscilação", explica o embaixador. "Não é o caso do Brasil, que mostra oscilações bruscas, com crescimentos grandes e mergulhos gravíssimos."

Dependência

Entre 1990 e 2000, o PIB brasileiro avançou, em média, 3,6%. De 2003 até agora, a média de crescimento foi de 3,6%. É mais do que a média da década de 1980 (1,7%) – período desastroso para o País, chamado de "década perdida" – e da de 1990 (2,6%) – intervalo parcialmente favorável –, mas é menos do que o mundo se expandiu (3,9%) entre 2003 e 2009. Para este ano, a expectativa do FMI é de que o Brasil cresça 2%, ante 4,6% do PIB do planeta (veja infográfico na página 25).

"Só será possível tirar conclusões otimistas quando extrapolamos esse crescimento de 7%, projetando-o para o futuro. Mas aí entramos num território complicado de futurólogo", afirma o Ricupero, que não deixa de lembrar que

o Brasil sempre dependeu do crescimento da economia mundial e, agora, começa a se ativar também a expansão chinesa.

"Até agora, a contribuição do governo Lula para o Brasil foi o incremento de um ponto percentual no crescimento do PIB, que passou de uma média de 2,5% para 3,6%, o que é até louável, mas insuficiente para acompanhar a expansão da economia mundial", emenda Rabello de Castro, também especialista em gastos públicos. Na opinião dele, o Brasil vem patinando dessa forma, e já há muito anos, porque não investe. "A União deveria aumentar sua taxa de investimento em pelo menos três pontos percentuais em relação ao PIB. Isso significaria colocar pelo menos R\$ 90 bilhões a mais por ano ao que já investe."

Para isso, entretanto, o governo teria de reduzir os gastos de custeio com menor carga tributária para o setor produtivo. "E não se trata apenas de reduzir o gasto corrente, mas de controlar de forma inteligente o avanço do aumento desses gastos", explica Rabello de Castro. De acordo com ele, a contrapartida (outros R\$ 90 bilhões) do setor privado não seria problema, com a qual a taxa de investimento do País passaria dos atuais 18% para 25% do PIB.

Otimismo

O economista Ricardo Amorim, da Ricam Consultoria Empresarial, tem visão um pouco mais otimista. Para ele, o Brasil caminha rapidamente para uma nova condição de desenvolvimento. Ele avalia que, com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, mudaram significativamente as perspectivas para a economia do País.

Primeiro, explica o economista, houve uma mudança no preço relativo dos produtos básicos brasileiros, o que foi e é ótimo para o País, que já é visto no exterior como o celeiro do mundo no século 21, como os Estados Unidos foram no século 20. Pelo menos é o que o agrônomo norte-americano Norman Borlaug, Prêmio Nobel em 1970 pelo combate à fome e conhecido como pai da "revolução verde", previu antes de morrer, em setembro de 2009.

Estudo recente da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), por exemplo,

“O BRASIL É O PAÍS ONDE SE PERDE MAIS TEMPO COM ESSA BUROCRACIA TRIBUTÁRIA ESCLEROSADA. EM MÉDIA, SE GASTA 2,6 MIL HORAS POR ANO, ANTE APENAS 100 HORAS NA ALEMANHA E 300 HORAS NOS ESTADOS UNIDOS. O NOVO ELEITO TERÁ DE REDUZIR ESSA MÁQUINA PÚBLICA ESCLEROSADA SE QUISERMOS PENSAR EM CRESCIMENTO ECONÔMICO MAIOR.”



Ivo Cassola, presidente do Conselho de Direção

aponta que o mundo terá de produzir 70% a mais de alimentos até 2050 para alimentar uma população que deve crescer em pelo menos 2,3 bilhões de pessoas e cuja renda ainda tende a aumentar. Grande parte desse aumento terá de se dar pela produtividade, ainda de acordo com a FAO, e o Brasil passou a ser "peça estratégica" nesse tabuleiro, já que poucos países têm terra, sol e conhecimento para ser o pilar mundial da produção de alimentos. De fato, as boas condições climáticas e a terra abundante dão ao Brasil vantagens incomparáveis no segmento agrícola. Além disso, o País conta com terras cultiváveis suficientes para mais do que dobrar a atual área plantada. Esses atributos, além dos preços de venda de terras relativamente atraentes e o aumento do consumo interno devido à melhoria no PIB per capita, despertaram o interesse do investidor estrangeiro.

CRESCIMENTO DO PIB AO LONGO DO TEMPO

	ESTIMATIVAS											
	MÉDIA	1992/2001	02	03	04	05	06	07	08	09	2010	2011
BRASIL	2,6	2,7	1,1	5,7	3,2	4,0	6,1	5,1	0,2	7,1	4,2	4,1
CHINA	10,3	9,1	10,0	10,1	10,4	16,6	13,0	9,6	8,7	10,5	9,6	9,5
ÍNDIA	5,7	4,6	6,9	7,9	9,2	9,8	9,4	7,3	5,7	9,4	8,4	8,1

Fonte: Fundo Monetário Internacional

"Se países como China e Índia confirmarem a migração de grande parte de sua população do campo para as cidades, será muito bom para o Brasil, que vai poder exportar mais alimentos e commodities por causa do aumento da demanda", avalia Amorim.

Ele lembra que as nações desenvolvidas passaram também a exportar capital e custos mais baratos. Os investimentos estrangeiros diretos (IED) injetados na economia brasileira, por exemplo, saltaram de US\$ 4,1 bilhões em 2004, para US\$ 41,1 bilhões em 2006, embora no ano passado tenham caído para US\$ 25,9 bilhões por causa da crise, de acordo com dados da Unctad. O Brasil foi o país que mais perdeu recursos (40,4%). Mesmo assim está entre os 10 países que recebem mais investimentos diretos. Para este ano, a estimativa de IED no Brasil é de US\$ 30 bilhões. "Se compararmos com os países ricos, o Brasil está ganhando de goleada em termos de crescimento econômico. Se compararmos com os países emergentes, o Brasil está no empate. Se compararmos com Índia e China, o Brasil está perdendo sim, porque esses dois países estão causando reviravolta mundial", sustenta Amorim.

Para alcançar isso, entretanto, a economia nacional precisará crescer acima da média mundial durante um longo período pelo menos entre 6% e 9% ao ano. Com uma taxa de expansão nessas potências, o País dobraria seu PIB em uma década. "Nó sim poderia conseguir posições novas no ranking mundial. Agora, se crescer apenas com taxas iguais à média mundial, vai conseguir superar apenas países que tiveram desempenho pior. Por isso, acredito que algo assim é mais uma esperança do que uma realidade", diz o embaixador Rubens Ricupero, ao lembrar que o Brasil não

“NOTA-SE QUE ESTAMOS MAIS UMA VEZ PERDENDO A OPORTUNIDADE DE FAZER REFORMAS IMPORTANTES, QUE DIFICILMENTE SERÃO FEITAS A PARTIR DE 2011, QUANDO A TRAJETÓRIA DE EXPANSÃO VOLTARÁ PARA O PATAMAR DE 4%. ESTAMOS PAGANDO O PREÇO DO ATRASO E CARREGANDO O FARDÃO QUE DEVERIA TER SIDO FEITO E NÃO FOI.”

consegue nem sequer ampliar os investimentos públicos em infraestrutura, que hoje alcançam a apenas um terço do que se investiu nos anos 1970, quando a taxa chegou a 9% ou 6% do PIB.

Monstrengo

O tributarista Ives Gandra Martins, presidente do Conselho Superior de Direito da Faculdade, vai além e diz que, se o Brasil almeja ter participação maior no PIB mundial, terá de se livrar de uma série de amarras, como burocracia, a alta carga tributária, os encargos tra-

bitistas e as elevadas taxas de juros. "Até agora, o nosso crescimento foi apenas interno", diz. "O Brasil é o país onde se perde mais tempo com essa burocracia tributária onerosa. Em média, se gasta 3,5 mil horas por ano, não apenas 100 horas na Alemanha e 300 horas nos Estados Unidos." Ele pondera, ainda, que outros países emergentes, como China e Índia, praticam metade dos impostos se comparados ao Brasil, onde a carga já batia em 98% do PIB.

Na opinião de Gandra Martins e de Rabello de Castro, o "monstrengo" chamado governo é a maior fonte desse desequilíbrio. "O novo governo terá de reduzir essa máquina pública esdraxada se quisermos pensar em crescimento econômico maior", afirma o tributarista.

Mas, mesmo que o Brasil faça a lição de casa nos próximos anos, já com um novo governo, estará entrando tarde na "lista" do crescimento robusto, onde a China e a Índia estão já há algum tempo. "Nota-se que, num ano de expansão robusta, estamos mais uma vez perdendo a oportunidade de fazer reformas importantes, que dificilmente serão feitas a partir de 2011, quando a trajetória de expansão voltará para o patamar de 4%", opina Mario Marconini, presidente do Conselho de Relações Internacionais da Fecomercio. "Estamos pagando o preço do atraso e carregando o fardo do que deveria ter sido feito e não foi. Algumas mudanças têm ocorrido, mas todo mundo sabe que o País não está atacando problemas estruturais de forma



Mario Marconini, presidente do Conselho de Relações Internacionais da Fecomercio

agressiva", lembra Marconini, ao se referir a problemas macro e microeconômicos.

'Commodities softs'

Mas os problemas que o Brasil tem pela frente não param por aí, lembram os especialistas. Outro entrave citado por Ricupero se refere à estrutura produtiva brasileira e ao sistema de comércio exterior, que, na visão dele, precisaria se mover na direção de vender produtos com maior valor agregado. Hoje, o Brasil é conhecido por ser o maior exportador mundial de "commodities softs", como açúcar, café, suco de laranja e tabaco, além de carne bovina e de frango. O País também é um importante produtor de celulose e papel, soja, milho e arroz.

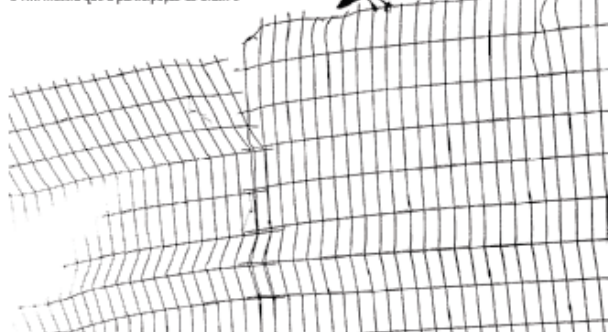
De acordo com Ricupero, os poucos países que saíram do Terceiro Mundo são os que aumentaram o teor de valor agregado em seus produtos industrializados, como a China, que está fazendo isso, mas ainda não chegou lá. Outro agravante nesse cenário é a política da taxa de câmbio, que se transformou em um grande problema para o setor exportador. "Parece que não estão vendo que essa questão é gravíssima, inclusive para as nossas commodities, que vão se tornar caras com essa taxa de câmbio."

O fato é que o real caro em relação ao dólar explica a perda de competitividade de produtos brasileiros, que, de acordo com economistas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), não está necessariamente restrita à concorrência, mas à valorização da moeda brasileira. Estudo do banco mostra essa distorção com a influência na mudança da demanda dos Estados Unidos, que é maior nas commodities e quase inexistente

nos produtos mais elaborados. Entre 2004 e 2009, por exemplo, as exportações totais brasileiras cresceram 58%. Porém, para os norte-americanos aumentou só 22%.

Pior a fábula brasileira nas importações americanas caiu de 1,4% para 1,04%, o equivalente a US\$ 5,6 bilhões. Ainda de acordo com esse estudo, de cada US\$ 10 do valor correspondente à redução da fábula brasileira nas importações americanas de produtos de alto valor agregado, US\$ 9,50 (ou 95%) ocorreram por causa da perda de competitividade e apenas US\$ 0,50 (ou 5%) pela redução da demanda do mercado dos EUA. Já no grupo das commodities, foi a demanda americana que respondeu por 70% da redução de participação brasileira nas importações desses produtos pelos EUA, enquanto a perda de competitividade por 30%.

Esses números aplicam também o mau desempenho do Brasil em relação ao comércio mundial (exportação de bens e serviços). O FMI mostra que a participação do Brasil é



de apenas 1,9%, o mesmo patamar registrado nos últimos 30 anos. Já os chineses detêm fatia bem maior, 8,5%. Indianos estão praticamente no mesmo patamar brasileiro, 1,6%.

Dai que a conclusão dos especialistas é que não adianta insistir no discurso de que o País virará a quinta economia do mundo, que, para o embaixador Rubens Ricupero, não tem significado algum. O que o Brasil precisa é melhorar qualitativamente em todos os aspectos. "Temos de ter um modelo econômico que capitalize, e não um que consume. Não podemos achar que, pelo fato de o brasileiro ter saído às compras de geladeiras, televisores, máquinas de lavar e fogões, vamos sempre crescer", alerta Rabello de Castro. O momento exige, portanto, olhar mais para dentro para crescer para fora.

O FATO É QUE O REAL CARO EM RELAÇÃO AO DÓLAR EXPLICA A PERDA DE COMPETITIVIDADE DE PRODUTOS BRASILEIROS, QUE, DE ACORDO COM ECONOMISTAS DO BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL, NÃO ESTÁ NECESSARIAMENTE RESTRITA À CONCORRÊNCIA, MAS À VALORIZAÇÃO DA MOEDA BRASILEIRA. ESTUDO DO BANCO MOSTRA ESSA DISTORÇÃO COM A INFLUÊNCIA NA MUDANÇA DA DEMANDA DOS ESTADOS UNIDOS, QUE É MAIOR NAS COMMODITIES E QUASE IRRISÓRIA NOS PRODUTOS MAIS ELABORADOS.